

"Do corpo de jurados à condução de oficinas: considerações sobre a produção de vídeo estudantil ao longo de três anos de experiência com o CINEST¹"

Camila dos Santos²

Este texto é um breve relato pessoal da autora, a partir de sua experiência ao longo de três anos de participação no CINEST, o Festival Internacional de Cinema Estudantil, que acontece anualmente no município de Santa Maria, RS. Evento no qual, além de jurada no ano de 2014, foiicineira de Roteiro Cinematográfico em 2015 - ano em que o festival foi internacionalizado - e 2016. Ou seja, foram três anos de atividades intensas em torno das realizações de vídeo estudantil vindas não somente de todo o território brasileiro, mas também do Exterior. Com obras desde o Ensino Fundamental, Médio até o Ensino Universitário, distribuídas em categorias competitivas tais como melhor filme, direção, roteiro, direção de fotografia, atuação, figurino e maquiagem, documentário e ficção.

Para começo de conversa, a abordagem do cinema e das possibilidades de realização audiovisual dentro das escolas não é um acontecimento recente. Embora ainda não seja uma realidade completamente disponível e democratizada para todas as escolas do Brasil, existe até o respaldo da Lei Nº 13.006, de 26 de Junho de 2014, que introduz a obrigatoriedade da exibição de filmes de produção nacional nas escolas de Ensino Básico do país por, no mínimo, duas horas mensais. Dessa forma, existe uma preocupação não somente em estimular o desenvolvimento de criações audiovisuais, mas também a formação de um público consumidor da cultura cinematográfica e de arte a partir da escola. Através de uma educação que pode ser atravessada, por que não, pelos afetos e pela potência transformadora da arte na vida de seus educandos, educandas e educadores.

¹ Festival Internacional de Cinema Estudantil, que acontece anualmente no município de Santa Maria, RS, com cinco edições já realizadas.

² Camila dos Santos, pseudônimo Camila Vermelho, é graduada em História - Bacharelado e Licenciatura Plena - pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), RS, onde atualmente é acadêmica de Bacharelado em Artes Cênicas - habilitação em Direção Teatral. Também é formada em Roteiro Cinematográfico pelo Instituto Brasileiro de Audiovisual - Escola de Cinema Darcy Ribeiro (IBAV-ECDR), Rio de Janeiro, RJ. É produtora e apresentadora do programa Baleiro das Artes, na radioarmazem.net, e trabalha na TV Campus UFSM. Contato: mitanoula@yahoo.com.br

Ao fazer uma reflexão sobre os três últimos anos de CINEST, desde 2014, é bastante possível perceber uma sensível transformação tanto nas obras que participaram do festival de lá para cá, quanto da crescente pró-atividade dos alunos, das alunas e de professores participantes dos debates e das oficinas de formação cinematográfica do evento. Ou seja, existe um trabalho que está em ritmo de desenvolvimento, tanto das escolas quanto das pessoas que integram suas comunidades. Quiçá a limitação de recursos em muitos lugares seja recorrente, especialmente nas escolas públicas, alternativas são fomentadas. E o conhecimento do cinema, sua linguagem e seu caráter pedagógico superam essas carências.

Entre 2014 e 2016, por exemplo, a autora pode afirmar o quanto houve uma considerável sofisticação na estrutura dos roteiros dos curtas metragens apresentados. Sofisticação não em termos de rebuscamento, mas sim a partir da ideia mais basal de estabelecer uma narrativa que tenha compromisso com uma diegese, com um universo próprio construído, que obedeça às suas próprias regras e funcione coerentemente com o que se propõe. Apesar de muitos dos filmes, especialmente os do Ensino Fundamental e Médio, abordarem adaptações de clássicos da literatura brasileira. Porém, também existe muito espaço para roteiros originais, boa parte deles ligada ao universo do terror e do horror, temas bastante presentes em filmes realizados por crianças e adolescentes.

Por outro lado, retomando 2014, muitos dos filmes que competiram no CINEST daquele ano apresentaram consideráveis dificuldades para a captação e o tratamento do áudio, problema que ainda persistiu nas edições de 2015 e 2016. Assim como poucos competidores compuseram trilha sonora original. Possivelmente pensando nisso, o festival ofertou, nos dois últimos anos, oficinas de trilha sonora. E, irônica e infelizmente, excluiu a categoria de trilha sonora original das mostras competitivas, talvez pelo fato de haver poucos exemplares disponíveis entre os curtas exibidos. Contudo, analisando o problema, mesmo que de forma breve e superficial, e levando-se em consideração os meios disponíveis para a realização audiovisual em muitas das escolas participantes, não se pode desprezar que, pouco a pouco, o áudio também vai recebendo sua devida atenção necessária para a composição de uma obra cinematográfica. E, entre erros e acertos, a noção da realização de um filme vai se edificando, da dramaturgia, à produção, ao

planejamento dos planos, à iluminação, à atuação e, claro, ao áudio. Porém, ainda existe um caminho a ser trilhado.

E, assim, a história do CINEST tem demonstrado que a linguagem fílmica, a noção da constituição de um filme, com seus planos, seus movimentos de câmera, os princípios de iluminação e a edição e a montagem não são completos desconhecidos dos alunos e alunas. Afinal, trata-se de uma geração que, sobretudo, nasceu e cresceu dentro de um universo audiovisual e, ainda, cibernético. O diferencial, por sua vez, é dotar a comunidade escolar da capacidade de tomar consciência do audiovisual e seus códigos e, a partir de sua realidade de vida, suas questões, suas necessidades, dominar os códigos da linguagem fílmica a seu favor e construir discursos poéticos de mundo.

Deve-se ater, também, que um diferencial dos jovens de hoje em comparação às gerações anteriores, é a familiaridade com a linguagem de plataformas digitais, como canais do Youtube, entre outros. Ou seja, a juventude brasileira que encontra no cinema dentro da escola um espaço de construção artística e educacional, também interfere na identidade do audiovisual, com seus registros diários a partir de aparelhos de celular, de suas narrativas cotidianas e das redes sociais. E tal fato já pode ser percebido nos filmes que têm integrado as mostras competitivas do CINEST, o que é bastante curioso. Pois existe no festival tanto o espaço para experimentações audiovisuais mais antenadas com as novas tecnologias, seus suportes e suas linguagens, quanto para as realizações mais principiantes, em que o domínio do cinema, seus meios e suas narrativas ainda estão sendo descobertos. Mas o caráter pedagógico no processo de criação não pode ser desprezado e tem suas potências.

Aliás, o CINEST tem problematizado a própria natureza sonora e visual hegemônica do cinema, com debates que envolvem a importância e o direito à audiodescrição e à legendagem nos filmes que chegam às salas comerciais de exibição de filmes. Por isso, a realização do Seminário Educação, Cinema e Acessibilidade, que teve sua segunda edição em 2016, antecedendo e abrindo as atividades do CINEST. Até mesmo alguns dos curtas participantes do festival foram audiodescritos e legendados, uma preocupação sobre a inclusão dentro da escola e do cinema. Juntamente com o seminário acima citado, também foram realizadas oficinas cinematográficas, que passaram a ser ofertadas a partir do CINEST 2015, o

que demonstra tanto a necessidade quanto a procura pela formação audiovisual. Oficinas as quais, a cada dia, vão se diversificando e dialogando entre si. Um dos projetos para 2017, inclusive, é que as oficinas sejam interligadas e gerem um curta metragem dos oficinandos e oficinandas dentro do evento.

Em linhas gerais, a própria história do CINEST, ao longo desses anos de existência - tanto nas mudanças de sua estrutura, com sua internacionalização, seu diálogo com a acessibilidade e até mesmo com a Neurociência, além da oferta de oficinas, tudo de forma inteiramente gratuita e aberta para o público - integra toda uma história de luta pela arte e pela educação. Luta não somente pela inclusão do audiovisual dentro do ambiente escolar, mas também pela arte que subverte o mero caráter de entretenimento. E a importância do fazer artístico para a construção de sujeitos críticos, empoderados de vontade própria, com brilho nos olhos e fogo no coração, questionadores e transformadores de sua sociedade. E o CINEST não é mais um dos poucos festivais de cinema estudantil do Rio Grande do Sul. Muitos outros surgiram recentemente e, quem sabe, surgirão mais adiante. O Brasil, apesar da crescente desvalorização das condições de trabalho dos professores e das professoras, tal como da própria existência da escola pública, clama por outras alternativas de escola. Quem sabe uma escola com mais cinema e arte como motes norteadores possa vir a ser uma dessas novas e libertadoras alternativas?